

PREFÁCIO

*Ver um mundo em um grão de areia,
E um céu em uma flor selvagem,
Reter o infinito na palma de sua mão,
E a eternidade em uma hora.*

WILLIAM BLAKE, “Auguries of Innocence”

Meus amigos me dizem que tenho uma mente gótica. Eu a chamaria de barroca. Percebo conexões entre algumas coisas e ideias bem estranhas. Sou um trocadilhista inveterado e impenitente. As pessoas sussurram seu descontentamento quando interrompo um discurso em desenvolvimento com um trocadilho fora do assunto. Apenas minha filha Ann ganha de mim em brincar com as palavras. Então, embora tente não me permitir demonstrações de talento verbal neste livro, posso encontrar conexões que o deixarão intrigado. O poeta Blake desejava ver o universo em um grão de areia. Eu também.

Meu objetivo principal neste livro é o de me posicionar ao seu lado, apontar e dizer: “Olhe. Olhe cuidadosamente. Ouça com atenção. Você vê? Você escuta?”. Há um milhão de sinalizações apontando para a verdade específica de Deus em Cristo. Vi muitas delas. Mas Deus está falando com você também. Olhe e veja. Ouça e escute.

Assim, este livro é uma apologética eclética. Mistura e combina diversas abordagens ao seu assunto. Contém uma estranha fusão de autobiografia e argumentação. Inclui alusões excêntricas e argumentos de pessoas desde o obscuro (para a maioria dos leitores norte-americanos) Stanislaw Lem até o obtuso (para muitos leitores) Gerard Manley Hopkins, e desde

o minimalismo bruto de Matsuo Bashō até a zombaria absurda de Lewis Carroll.

Uma parte importante dessa argumentação eclética é quase exclusiva da literatura apologética. Desempenhou um importante papel no desenvolvimento de minha compreensão sobre minha cosmovisão cristã e as razões pelas quais ela é verdadeira. Enfatizarei o papel da literatura (e, em termos mais amplos, das artes) a partir de um ponto de vista cristão. Mas talvez isso não seja exclusivo. Os silogismos seguintes também fundamentam a abordagem de Francis Schaeffer, embora eu duvide seriamente que ele fosse concordar com a formulação.

A essência do argumento é esta:

Existe literatura.
Portanto, existe Deus.
Ou você percebe isso ou não.

Ou, de modo mais universal e primário:

Tudo existe.
Portanto, Deus existe.
Ou você percebe isso ou não.

Ambos, é claro, são imitações deste silogismo de Peter Kreeft e Ron Tacelli:

Existe a música de Johann Sebastian Bach.
Portanto, deve existir Deus.
Ou você percebe isso ou não.¹

Na superfície, todos esses silogismos parecem absurdos. Não parecem incorporar qualquer tipo de bom senso. Certamente sugerem um salto. Não, não um salto de fé, mas um salto além da razão para uma percepção direta, intuitiva e imediata da realidade. Ver é realmente crer. Ouvir também.

¹ Peter Kreeft e Ronald Tacelli, *Handbook of Christian Apologetics* (Downers Grove: InterVarsity, 1994), p. 81. Há muito tempo Kreeft e Tacelli me fizeram pensar sobre as implicações de seu “argumento sobre Bach”. As diversas formas que esse argumento assume neste livro demonstram o quanto ele tem representado para mim.